

O engodo do corpo perfeito: alguns apontamentos inspirados nas ideias de Adorno e Horkheimer

Nancy Romanelli*
Ailton Bedani**

Resumo:

Procurou-se apontar, aqui, algumas críticas à forte idealização estética que, no capitalismo atual, permeia o âmbito do corpo. Adotou-se, como principal referencial teórico, certo conjunto de ideias formuladas pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Consultaram-se três fontes de dados: (a) a obra *Dialética do esclarecimento*, de autoria de ambos; (b) outros materiais (livros, artigos, conferências) produzidos exclusivamente por Adorno; (c) os trabalhos de alguns comentadores, que abordam o corpo tomando como base as teorias dos dois pensadores alemães ou que tecem críticas à estética do corpo perfeito. Constatou-se, neste estudo, que as análises elaboradas por Adorno e Horkheimer, e as pesquisas que elas vêm suscitando, podem contribuir para uma sólida crítica aos mais recentes discursos e métodos que, regulados por interesses ideológicos e mercantilistas, convergem frequentemente para a maquinização do corpo.

Palavras-chave:

Culto ao Corpo; Dialética do Esclarecimento; Indústria Cultural; Razão instrumental.

The bait of the perfect body: certain notes inspired by the ideas of Adorno and Horkheimer

Abstract:

We attempt to point out certain criticisms of the powerful aesthetic idealization which, under current capitalism, pervades the domain of the body. As the key theoretical reference, we adopted a set of ideas formulated by Theodor W. Adorno and Max Horkheimer. Three sources of texts were examined: (a) the work *Dialectic of Enlightenment*, written by Adorno and Horkheimer; (b) other materials (books, essays, conferences) written exclusively by Adorno; (c) the works of some commentators who approached the question based on the theories of the two German philosophers or who criticize the aesthetics of the perfect body. In this study, it is observed that the analysis formulated by Adorno and Horkheimer, as well as the researches they have been triggering, can contribute to a solid criticism of the most recent discourses and methods that, regulated by ideological and mercantile interests, often converge to the body's mechanization.

Key words:

The Cult of the Body; Dialectic of Enlightenment; Cultural Industry; Instrumental Reason.

* Psicóloga, mestranda em educação pela Faculdade de Educação da USP.

** Psicólogo, mestre e doutorando em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

O presente artigo propõe-se a averiguar alguns processos ideológicos de dominação que, no capitalismo atual, têm como alvo o âmbito do corpo. As análises aqui apresentadas filiam-se e pretendem contribuir para as pesquisas que abordam os mecanismos contemporâneos de modelação político-ideológica da corporalidade. Procurando-se avaliar a estética do culto ao corpo, adotou-se como principal referencial teórico certo conjunto de proposições discutidas pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), especialmente os conceitos de desencantamento do mundo, indústria cultural e razão instrumental.

Três fontes de dados foram consultadas: a obra *Dialética do esclarecimento*, re-digida conjuntamente pelos dois pensadores (Adorno; Horkheimer, 1947/1985); outros materiais – livros, artigos, conferências – produzidos exclusivamente por Adorno (1951/2001; 1967/2001; 1995); e os trabalhos de alguns comentadores, que se inspiram nas ideias de Adorno e Horkheimer (Crochik, 2005; Melani, 2004; Vaz, 1999; 2002; 2004) ou questionam a estética do corpo perfeito (Souto; Ferro-Bucher, 2006; Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005).

Constatou-se, neste estudo, que as análises empreendidas pelos pensadores alemães continuam extremamente férteis, permitindo uma profunda crítica a diversos discursos e práticas atuais que se apresentam como corporalmente vitalizadoras, mas que, paradoxalmente, costumam resultar na maquinização do corpo e no anes-tesiamento de suas forças expressivas, libertadoras e transformadoras.

Cinco seções compõem este artigo. Na primeira seção, “Inferiorização/coisificação do corpo e desencantamento do mundo”, retoma-se a tese, formulada por Adorno e Horkheimer, de que o corpo, na esfera do pensamento racional ocidental, vem sendo simultaneamente menosprezado e maquinizado. Na segunda seção, “Relação patogênica com o corpo e indústria cultural”, avalia-se a maneira pela qual o indivíduo, sob a influência dos interesses mercadológicos e ideológicos, submete o próprio corpo aos mais variados sacrifícios e situações-limites. Na terceira seção, “Práticas esportivas e razão instrumental”, averigua-se a violência que está associada aos esportes e suas raízes no encouraçamento da consciência. Na quarta seção, “Cisão corpo-alma e metáfora da máquina”, discute-se a transformação do corpo em um “estranho” e a reatualização, no capitalismo instrumental, da concepção “maquinica” de corpo. Na última seção, “Algumas conclusões”, aponta-se a atualidade do pensamento de Adorno e Horkheimer para uma análise dos mecanismos contemporâneos de subjugação da corporalidade.

Inferiorização/coisificação do corpo e desencantamento do mundo

Em Adorno e Horkheimer (e, também, na produção de outros importantes representantes da assim chamada “Escola de Frankfurt”) os temas do corpo e da formação cultural, como explica Alexandre Fernandez Vaz, “são largamente explorados, configurando-se mesmo como panos de fundo das reflexões críticas à sociedade contemporânea” (Vaz, 2004, p. 22). Um exemplo disso pode ser observado na seção “Notas e esboços” da *Dialética do esclarecimento*, obra redigida em 1944 e publicada em 1947 por Adorno e Horkheimer. Em um aforismo intitulado *Interesse pelo corpo* os pensadores afirmam que o corpo, na modernidade, é “escarnecido e repellido como algo inferior” e, simultaneamente, “reificado, alienado” (Adorno; Horkheimer, 1947/1985, p. 191).

Esse duplo movimento – inferiorização e coisificação do corpo – é indissociável, como veremos mais adiante, dos interesses econômico-ideológicos do capitalismo atual, mas também se insere, segundo os autores da *Dialética do esclarecimento*, no quadro mais antigo e amplo do “desencantamento do mundo”. Para Adorno e Horkheimer, a cultura ocidental vem promovendo, desde a Antiga Grécia, uma espécie de “desmitologização” que pretende conduzir o pensamento racional às suas últimas consequências. Dando grande valor à análise objetiva da realidade, o raciocínio esclarecido (ou o Esclarecimento) propôs-se a dominar os perigos e incertezas advindos da Natureza, almejando um controle que prescindisse de quaisquer magias ou credices. Com o advento da sociedade burguesa o Esclarecimento revestiu-se de um positivismo tecnicista e cientificista, acreditando ter alcançado uma perspectiva privilegiada, capaz de sobrepujar como nunca as construções míticas e metafísicas. Mas, em vez de libertar o ser humano de seus grandes temores e promover a felicidade, o pensamento esclarecido acabou se tornando, ele próprio, uma concepção mítica de coloração acrítica. Ao atribuir enorme poder à razão lógica, chegando a considerá-la, por vezes, algo inquestionável, o Esclarecimento converteu-se em uma espécie de crença que, ancorada na força do dogma, imita e perpetua a lógica mítica. Como analisa Vaz:

Compreender os fatos em sua regularidade, procedimento defendido como cientificamente legitimado, reproduz o mesmo processo de explicação mítica, cuja ilusão mágica também entendia a natureza como ciclos determinados pelas divindades. Recaindo na lógica arbitrária do mito, o esclarecimento não teria cumprido as promessas de emancipação contidas em seu projeto. Ao substituir o mito pelo procedimento racional, e a imaginação pelo saber, manteve-se mitológico, porque reproduz a lógica cega daquele. Mais do que isso, recaiu na barbárie, na medida em que transformou a natureza em mero objeto desqualificado, porém matematizado, a ser dominado (Vaz, 1999).

Apesar de suas contundentes críticas à racionalidade objetiva, Adorno e Horkheimer não consideravam o Esclarecimento um problema em si mesmo; eles acreditavam, inclusive, que “a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (Adorno; Horkheimer, 1947/1985, p. 13). A dupla de pensadores chamou a atenção, porém, para o fato de que a racionalidade objetiva associou-se, muitas vezes, às classes dominantes, contribuindo, com frequência, para a perpetuação da brutalidade e da barbárie: “O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens” (Adorno; Horkheimer, 1947/1985, p. 21).

Relação patogênica com o corpo e indústria cultural

A atual cultura “esclarecida” tem como uma de suas principais características o fetiche da técnica: o imenso poder que é atribuído à tecnologia, fazendo dela uma entidade desistoricizada e pretensamente autônoma. Esse “véu tecnológico” (Adorno, 1995, p. 132) não poderia deixar de mediar e permear, na ordem capitalista contemporânea, a relação do indivíduo com o próprio corpo. Uma diversificada, lucrativa e pasteurizadora “indústria cultural” está continuamente gestando, de acordo com Adorno e Horkheimer, os valores e práticas que dão sustentação à tecnologização do corpo.

Ao cunharem a expressão “indústria cultural”, a dupla de pensadores tinha em mente não apenas a comercialização de produtos dirigidos ao corpo, mas toda a mercantilização capitalista que, na busca por volumosos lucros, banaliza e enfraquece as conquistas do pensamento esclarecido. Fazendo-se presente em diversas áreas (tais como nas manifestações artísticas e na estética corporal) e prometendo bem-estar e lazer, a indústria niveladora dos bens culturais atua em duas direções simultâneas e interligadas: angaria, por um lado, polpudos ganhos e exerce, por outro, manipulação ideológica e controle social (Equipe Orgonautas, 2008).

Adorno, em conferência radiofônica proferida em 1963 e publicada quatro anos depois, chamou a atenção para o antiesclarecimento (ou anti-iluminismo) gestado pelo mercado capitalista:

O efeito global da indústria cultural é o de um anti-iluminismo; nela o Iluminismo (*Aufklärung*), como Horkheimer e eu entendemos o progressivo domínio técnico da natureza, torna-se engano das massas, meio para sujeitar as consciências. Impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente (Adorno, 1967/2001)¹.

1 Entre os documentos que consultamos na *World Wide Web*, apenas o de autoria de Vaz (2004), anteriormente citado, apresentava paginação. As demais páginas-web por nós acessadas não continham numeração. Assim, para o material extraído da Internet, adotamos o seguinte critério: o artigo de Vaz foi citado obedecendo-se ao mesmo padrão estipulado para artigos e livros não digitais (nome do autor, ano da publicação e número da página); nos casos das páginas-web que não apresentavam numeração, mencionamos, apenas, o nome do autor e o ano da publicação.

Em outra conferência radiofônica, realizada em 18 de abril de 1965 e publicada, posteriormente, com o título “Educação após Auschwitz”, o pensador retomou um tópico que ele e Horkheimer haviam apontado na *Dialética do esclarecimento*: “a relação perturbada e patogênica com o corpo” (Adorno, 1995, p. 126). Essa relação perturbada se expressa, por exemplo, nos sacrifícios e situações-limites vivenciados pela grande massa de indivíduos que recorrem a perigosas dietas de emagrecimento e/ou a extenuantes atividades físicas. Analisando o uso indiscriminado das dietas de emagrecimento, Silvana Souto e Júlia S. N. Ferro-Bucher descrevem um quadro preocupante:

O panorama sociocultural ocidental, de extrema valorização da magreza (...), gera uma preocupação com o corpo e um pavor patológico de engordar, levando a uma associação com o desenvolvimento de anorexia nervosa e bulimia nervosa. (...) A ênfase da sociedade contemporânea no ideal de magreza (culto ao corpo), as intensas propagandas na mídia de uma infinidade de regimes e de produtos dietéticos, bem como o crescimento de academias e do número de revistas sobre o assunto, fornecem o ambiente sociocultural que justifica a perda de peso, trazendo consigo uma simbologia de que a beleza física proporcionaria autocontrole, poder e “modernidade”. (...) Segundo Herscovici, “mais de 70% das mulheres com menos de 21 anos se sentem suficientemente gordas, a ponto de fazerem dieta, embora apenas 15% tenham realmente sobrepeso” (Souto; Ferro-Bucher, 2006).

Como comentávamos, a busca do corpo perfeito/saudável demanda, muitas vezes, que o indivíduo suporte as mais variadas dores físicas e subjugue, ao mesmo tempo, a massa corpórea, impedindo-a de reclamar demasiadamente. Para tal, é preciso que o sujeito trate o próprio corpo como “um outro”, uma “coisa”, quase que um ser estranho. Nesse contexto “não se pode mais reconverter o corpo físico (*Körper*) em corpo vivo (*Leib*)” (Adorno; Horkheimer, 1947/1985, p. 192). O corpo em que pulsa a vida, e que poderia associar amor e prazer, dá lugar a um corpo que, embora “sarado”, encontra-se limitado, em seu potencial criativo e transformador, pelas modeladoras pressões sociais ou, em outras palavras, pelos interesses econômicos e ideológicos dominantes.

Tratado como um estranho que precisa utilizar grande parte de sua energia para incorporar formas impostas, tendo, além disso, de suportar calado grandes desconfortos, o corpo acaba se convertendo em um escravo. Ou em uma espécie de cárcere, como indicam Júnia de Vilhena, Sérgio Medeiros e Joana de Vilhena Novaes, referindo-se às mulheres que lutam desesperadamente para apagar as marcas do tempo:

Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho à procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionavam, agora se aprisionam no corpo – na justeza das próprias medidas (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005).

Ao se distanciar das reais necessidades do corpo, alienando-se, assim, das possibilidades expressivas e intelectivas que uma corporalidade menos formatada poderia oferecer, o indivíduo corre o risco de ficar exclusivamente à mercê dos valores e práticas difundidos e legitimados pela indústria cultural.

Práticas esportivas e razão instrumental

Como indica Vaz, “no esporte o corpo é o instrumento técnico por excelência – assim como para as crianças ele é o brinquedo original, o primeiro *Spielzeug* (literalmente, instrumento para brincar)” (Vaz, 2002). Adorno, ao discorrer sobre as inscrições político-ideológicas da corporalidade, deteve-se, por diversas vezes, no tema das práticas esportivas, inclusive porque o autor testemunhou de perto o uso publicitário e ideológico que o nazismo fez do corpo e dos esportes. O pensador alemão identificou uma ambiguidade nas atividades esportivas: elas podem, eventualmente, favorecer o prazer do movimento e a expressividade corporal, mas podem, também, promover a funcionalização/mecanização do corpo, fomentando a agressão e a crueldade:

Por um lado, [o esporte] pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (Adorno, 1995, p. 127).

De fato, não raramente a barbárie e o sadismo irrompem nas práticas esportivas de massa; essas manifestações cruéis e violentas têm seu fundamento, de acordo com Adorno, na “mutilação” ou “coisificação” da consciência: “Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência” (Adorno, 1995, pp. 126-7). O indivíduo que apresenta uma “consciência coisificada” recusa-se a questionar os próprios automatismos, absolutiza os fatos e, sobretudo, “defende-se em relação a qualquer vir-a-ser” (Adorno, 1995, p. 132). É como se, em um primeiro momento, essas estruturas fortemente encorajadas se tornassem, elas próprias, iguais às coisas; isto feito, elas tentariam coisificar as outras pessoas (Adorno, 1995).

O endurecimento da consciência, por sua vez, nutre-se e é inseparável da “razão instrumental”. Do ponto de vista de Adorno e Horkheimer, a razão instrumental caracteriza-se por uma abordagem mecanicista, mercantilista e utilitarista das ciências e das diversas modalidades técnicas. Pretendendo-se neutra e desprovida de orientação político-ideológica, a racionalidade utilitarista nega-se a ver que dá sustentação tecnológica a diversas formas de exploração e dominação:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas (Adorno, 1995, pp. 132-3).

Cisão corpo-alma e metáfora da máquina

Opondo-se à razão pragmática e instrumental, Adorno e Horkheimer (entre outros teóricos da “Escola de Frankfurt”) tentaram desenvolver uma reflexão dialética e histórica que denunciasse a violência da lógica utilitarista. Dessa perspectiva crítica, a imagem do corpo ideal, e os recursos científico-tecnológicos que o mercado oferece para que o indivíduo alcance tal imagem, jamais podem ser vistos como fatores dissociados dos interesses mercantilistas da indústria cultural. Os questionamentos empreendidos por pensadores como Adorno e Horkheimer sugerem, ainda, que a dimensão corporal continua submetida à antiga metáfora da máquina. Frequentemente retratado como um objeto operacionalizável, o corpo não passaria de uma somatória de partes que podem ser consertadas ou trocadas para que o sujeito consiga satisfazer ou, ao menos, aproximar-se o máximo possível dos ditames estabelecidos pelo pasteurizado mercado capitalista da saúde e da beleza. Analisando a perspectiva fragmentadora à qual o corpo vem sendo submetido na sociedade atual, Ricardo Melani afirma:

Guiado pelo ideário da razão instrumental, o corpo é esquartejado. Suas partes são cobiçadas como objetos independentes. Busca-se possuir determinado tipo de traseiro, conquistar um modelo abdominal, alcançar pernas idealmente roliças ou formas de peitos impostas pelo imaginário social. A alienação corporal chegou a tal ponto que o elogio a uma prótese de silicone implantada em alguma parte do corpo para satisfazer a necessidades estéticas envaidece o sujeito portador do artifício. (...) Nesse programa, não há diferença entre um corpo e um carro. Ambos são objetos a serem consumidos e podem ser “turbinados” (Melani, 2004).

De forma idêntica ao controle que o Esclarecimento pretendeu impor às forças da natureza e semelhantemente ao controle ideológico-econômico exercido pelo sistema capitalista, o corpo deve, ele também, ser manipulado e domado por aquele que nele habita. Pois, como afirma Vaz, não há “senhorio sobre a natureza externa, sobre o espaço e sobre o tempo, se o que há de natural ‘dentro’ de nós não for primeiro dominado”. Desse processo de dominação resulta, também, “a ideia de que possuímos um corpo, e de que dele podemos dispor, equiparando-se em certo sentido à de que podemos possuir e dispor dos corpos de outros seres humanos ou dos animais” (Vaz, 1999).

As academias de ginástica e as mais variadas substâncias químicas contribuiriam para a dominação-formatação da corporalidade, como pondera Melani, em esclarecedor artigo que voltamos a citar aqui:

Em geral, o que se compra em uma academia é a possibilidade de utilização de aparelhos para atingir determinados objetivos pré-estabelecidos a partir de modelos corporais. O que se compra é a subjugação do corpo real ao corpo ideal da razão instrumental-consumista. Como os autômatos do filme *Metrópolis*, os corpos reais conformam-se, desejosos dessa conformação, por meio de técnicas físicas de subjugação – “condicionamento físico”. Não importa se, para isso, degrada-se o organismo humano. O fim – aproximar-se de modelos – é tudo. Por isso, tal ideário é propício ao desenvolvimento do mercado de drogas que promovem hipertrofia muscular ou emagrecimento rápido. Por isso, as cirurgias de “correção” ou de implantação de prótese são cada vez mais corriqueiras. Por isso, a relação do ser humano com seu corpo é crescentemente doentia (Melani, 2004).

O indivíduo, contudo, de acordo com o ideário capitalista, deve se esforçar não apenas para moldar um corpo belo, atlético e saudável – ele precisa, também, lutar para manter seu “espírito” puro e elevado; José Leon Crochík lembra que “a união da força física domesticada com a força espiritual é o modelo do indivíduo burguês” (Crochík, 2005). Em obra publicada em 1951, *Minima moralia*, Adorno afirma que se pretende que a alma consiga “purificar-se do pó para continuar sem desvios, em regiões mais luminosas (...). Mas a alma torna-se uma grosseira imitação daquilo de que falsamente se emancipara” (Adorno, 1951/2001, p. 237). Nessa separação entre o corpo e a alma, “a divisão do trabalho e a reificação são levadas ao limite” (Adorno, 1955/2001, p. 237). Um espesso muro passa a separar não apenas o corpo e a mente, mas também, e consequentemente, o trabalho corporal e o trabalho intelectual.

Algumas conclusões

As teses de Adorno e Horkheimer sobre o corpo parecem-nos, como procuramos assinalar neste sucinto artigo, de grande relevância para compreender a intensa pressão econômica, ideológica e tecnicista que age sobre a corporalidade na cultura atual. Como afirmam os pensadores alemães, “quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz” (Horkheimer; Adorno, 1947/1985, p. 47).

Inserindo a corporalidade em reflexões mais amplas, interessadas em desvelar e denunciar os mecanismos contemporâneos de dominação capitalista, Adorno e Horkheimer revelam o quanto uma determinada imagem de corpo vem sendo oferecida, pela indústria cultural, como objeto de consumo praticamente imprescindível, inevitável, vital. Quanto mais distante o indivíduo estiver do modelo idealizado de

corpo (eventualmente mantendo-se afastado das academias de ginástica, da legião de cosméticos e dos bronzamentos compulsivos), mais distante ele ficará, de acordo com a ideologia mercadológica atual, do convívio social, da saúde e da beleza.

Ainda que tenham denunciado enfaticamente as alianças que se estabelecem entre a indústria cultural e a pesquisa científica, Adorno e Horkheimer, como vimos, não se posicionaram contra a ciência em si mesma, pois acreditavam que “a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”. Os filósofos alemães insistiram, no entanto, em que o pensamento esclarecido contém, no atual estágio do capitalismo, “o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte” (Adorno; Horkheimer, 1947/1985, p. 13).

Servindo especialmente a interesses econômico-ideológicos e pouco contribuindo para a minimização da difícil condição humana, a lógica regressiva de que nos falam Adorno e Horkheimer disfarça-se em variadas formas de autoritarismo e violência (inclusive, na dura domesticação que maquiniza o corpo), quando não se apresenta com seu verdadeiro rosto, a barbárie fascista. Tendo como um de seus principais alvos o corpo, a lucrativa perspectiva regressiva vem apostando na estética *clean*, saudável, “de bem com a vida”, que promete brindar seus adeptos com longevidade e incríveis experiências sexuais. Valendo-se de condicionamentos físicos e tratamentos estéticos, além de “revolucionárias” dietas e substâncias químicas, o mercado da saúde vende, com seu canto de sereia, um sedutor espelho ou simulacro do “corpo vivo”. Comercializam-se modernos e sofisticados recursos tecnológicos que, porém, pouca novidade trazem em sua concepção de base, dado que, em vez de favorecerem a emancipação humana, só fazem reatualizar a antiga e retalhadora visão de mundo mecanicista. O capitalismo promete, em suma, o que não pode cumprir: o restabelecimento de uma vitalidade real e transformadora. Configura-se, assim, um engodo, uma mentira social que confirma uma declaração feita por Adorno em debate ocorrido em 14 de abril de 1968, e editado como “A educação contra a barbárie”: “a cultura subtrai aos homens a confiança em si e na própria cultura” (Adorno, 1995, p. 164).

Tudo indica que, para retomar as potencialidades transformadoras do corpo, faz-se necessário um profundo e radical questionamento dos valores instrumentais. Pois, se a razão utilitarista está diretamente acoplada ao corpo mecanizado, é de supor que a racionalidade crítica possa se aproximar e dialogar com o “corpo vivo”.

Por fim, gostaríamos de destacar a atualidade do pensamento de Adorno e Horkheimer. Embora tenhamos resgatado, aqui, ideias que os filósofos alemães formularam entre as décadas de 1940 e 1960, chama a atenção o fato de os autores terem indicado, naquela época, uma série de mecanismos ideológicos de dominação

e modelagem que não apenas continuam atuantes, como também vêm progressivamente se sofisticando. É interessante observar a fecundidade dialética de uma abordagem filosófica que, ao averiguar o ideário capitalista da saúde e da beleza, mostrou que esse ideário, contrariamente ao que se propõe, aponta para o anestesiamento do corpo e da alma.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1995.
- _____. *Minima moralia*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001 (trabalho originalmente publicado em 1951).
- _____. *Résumé sobre indústria cultural*. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado. Transcrição de conferência radiofônica proferida na Internationalen Rundfunkuniversität des Hessischen Rundfunk de Frankfurt, de 28 de março a 4 de abril de 1963 (posteriormente incluída no livro *Ohne Leitbild. Parva Aesthetica*. Frankfurt: Suhrkamp, 1967). Tradução realizada em 2001. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno17.htm>>, acessado em 18 jun. 2008.
- _____; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (trabalho originalmente publicado em 1947).
- CROCHIK, J. L. Notas sobre a dicotomia corpo-psique. *Interações* v.10, n. 19, pp. 103-22, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100006-&lng=pt&nrm=iso>, acessado em 1 maio 2009.
- EQUIPE ORGONAUTAS (Dir.) A Escola de Frankfurt e a teoria crítica: uma reflexão viva. Vídeo on-line. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0XfrUPWet68>>, acessado em 11 maio 2009.
- Melani, R. Fragmentação e doença do corpo na sociedade de consumo. *Revista PucViva* n. 22 – out./dez. 2004. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/revista/r22_r07.htm>, acessado em 10 jun. 2008.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cad. Cedes* [on-line] v. 19, n. 48, pp. 89-108, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100006&lng=pt&nrm=iso>, acessado em 1 maio de 2009.
- _____. Corporalidade e formação na obra de Theodor W. Adorno: questões para a reflexão crítica e para as práticas corporais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, pp. 21-49, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>>, acessado em 15 jun. 2008.
- _____. Indústria cultural, tecnologia e educação do corpo: reflexões a partir da obra de Theodor W. Adorno. *Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Nepec* [on-line], 2002. Artigo referente ao trabalho apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, IV Anped-Sul/2002. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nepecs>>, acessado em 3 maio 2009.
- VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J. V. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v. 5, n. 1, pp. 109-44, mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=en&nrm=iso>, acessado em 13 maio 2009.
- SOUTO, S.; FERRO-BUCHER, J. S. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares. *Rev. Nutr.* v. 19, n. 6, pp. 693-704, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732006000600006&lng=en&nrm=iso>, acessado em 1 maio 2009.